

ENSAIO SOBRE O CAMPO ARTÍSTICO CONTEMPORÂNEO. JOHNNY ROTTEN VS JOHN LYDON = KO

ESSAY ON THE CONTEMPORARY ART FIELD. JOHNNY ROTTEN VS JOHN LYDON = KO

ESSAI SUR LE DOMAINE DE L'ART CONTEMPORAIN. JOHNNY ROTTEN VS JOHN LYDON = KO

ENSAYO SOBRE EL CAMPO DEL ARTE CONTEMPORANEO. JOHNNY ROTTEN VS JOHN LYDON = KO

Ondina Pires

Performer, escritora, tradutora e música independente, Lisboa, Portugal

RESUMO: Uma das figuras que mais se destacou na contracultura *punk* britânica, no período de 1976 a 1978, foi o carismático vocalista da banda Sex Pistols, Johnny Rotten, o qual bramava vociferante “Anarquia no Reino Unido” ou “Não Há Futuro”. Mal o projeto musical arquitetado pelo falecido Malcom McLaren termina em 1978, Johnny Rotten retoma o nome de batismo, John Lydon, e inicia o projeto musical experimentalista Public Image Ltd, mais conhecido por PIL. Entretanto, volvidos cerca de quarenta e um anos de existência dos PIL, John Lydon, a residir em Los Angeles, EUA, em 2020, tornou públicas as suas opiniões acerca do ex-presidente americano Donald Trump, as quais foram motivo de escândalo e de choque, sobretudo entre os aficionados do *punk*, na sua maioria, antirracistas e de tendências políticas esquerdistas. Através deste texto, e das ilustrações caricaturais a ele associadas, podemos observar uma trajetória decadente de um músico que, aparentemente, se situa nos antípodas de 1977. Porém, esse *volte-face* é legitimado pelas “brechas” políticas e culturais da democracia, sistema este, sempre em perigo precisamente pela sua abertura a visões políticas diferentes e ao contínuo diálogo entre forças ideológicas, muitas vezes, opostas. Com base na dialética “anarquia-fascismo”, os pontos de vista da autora, fundamentados em filmes, canções e pensadores, evoluem ao longo da sua análise. O intuito é abrir portas para análises mais amplas em relação à democracia que não contemplem a visão a “preto e branco” das maiorias relativamente à política atual.

Palavras-chave: contracultura, *punk*, trajetórias, músico, ideologia.

ABSTRACT: One of the figures that stood out the most in the British punk counterculture scene, from 1976 to 1978, was the charismatic vocalist of Sex Pistols, Johnny Rotten, who shouted "Anarchy in the United Kingdom" or "There is no Future". As soon as the musical project devised by the late Malcom McLaren ended in 1978, Johnny Rotten returns to his baptismal name, John Lydon, and starts the experimental musical project Public Image Ltd, better known as PIL. Meanwhile, after about forty-one years of PIL's existence, John Lydon, residing in Los Angeles, USA, in 2020, made public his opinions about former American President Donald Trump, which were a reason for scandal and shock, especially among punk *aficionados*, most of whom are anti-racists and of left-wing political tendencies. Through this text and the caricatures we can observe a decadent trajectory of a musician who, apparently, is located in the antipodes of 1977. However, this turning point is legitimized by the political and cultural “gaps” of Democracy, a system that is always in danger precisely for its openness to different political views and to the continuous dialogue between ideological forces, often opposed. By using an “anarchy-fascism” dialectic, the author's points of view, based on films, songs and thinkers, evolve throughout her analysis. The aim is to open doors for broader analyzes in relation to democracy that do not contemplate the “black and white” view of the majorities in relation to current politics.

Keywords: counterculture, punk, trajectories, musician, ideology.

RÉSUMÉ: L'une des figures les plus proéminentes de la contre-culture *punk* britannique de 1976 à 1978 est le charismatique chanteur des Sex Pistols, Johnny Rotten, qui rugissait avec véhémence "Anarchy in the UK" ou "There's No Future". Dès que le projet musical conçu par feu Malcom McLaren prend fin en 1978, Johnny Rotten reprend son prénom, John Lydon, et lance le projet musical expérimental Public Image Ltd, plus connu sous le nom de PIL. Cependant, environ quarante et un ans après l'existence de PIL, John Lydon, vivant à Los Angeles, aux États-Unis, en 2020, a rendu publiques ses opinions sur l'ancien président américain Donald Trump, qui ont fait scandale et choqué, notamment les aficionados du *punk*, majoritairement antiracistes et de tendance politique de gauche. À travers ce texte et les caricatures, nous pouvons observer la trajectoire décadente d'un musicien qui, apparemment, se trouve aux antipodes de 1977. Cependant, cette volte-face est légitimée par les “brèches” politiques et culturelles de la Démocratie, un système qui est toujours en danger précisément en raison de son ouverture à des opinions politiques différentes et au dialogue continu entre des forces idéologiques souvent opposées. Basé sur la dialectique “anarchie-fascisme”, les points de vue de l'auteur, fondés sur des films, des chansons et des penseurs, évoluent tout au long de son analyse. L'intention est d'ouvrir les portes à des analyses plus larges en relation avec la démocratie qui ne contemplent pas la vision “noir et blanc” des majorités en relation avec la politique actuelle.

Mots-clés: contre-culture, *punk*, trajectoires, musicien, idéologie.

RESUMEN: Una de las figuras más destacadas de la contracultura *punk* británica de 1976 a 1978 fue el carismático cantante de los Sex Pistols, Johnny Rotten, que vociferaba "Anarchy in the UK" o "There's No Future". Tan pronto como el proyecto musical ideado por el difunto Malcom McLaren llegó a su fin en 1978, Johnny Rotten retomó su nombre de pila, John Lydon, y puso en marcha el proyecto musical experimentalista Public Image Ltd, más conocido como PIL. Sin embargo, unos cuarenta y un años después de la existencia de PIL, John Lydon, afincado en Los Ángeles, Estados Unidos, en 2020, hizo públicas sus opiniones sobre el expresidente estadounidense Donald Trump, que fueron motivo de escándalo y conmoción, especialmente entre los aficionados al *punk*, en su mayoría antirracistas y de tendencia política de izquierdas. A través de este texto y de las caricaturas podemos observar una trayectoria decadente de un músico que, aparentemente, se encuentra en las antípodas de 1977. Sin embargo, este volteado se legitima por las "brechas" políticas y culturales de la Democracia, un sistema que siempre está en peligro precisamente por su apertura a las diferentes visiones políticas y al diálogo continuo entre fuerzas ideológicas a menudo opuestas. Partiendo de la dialéctica "anarquía-fascismo", los puntos de vista de la autora, basados en películas, canciones y pensadores, evolucionan a lo largo de su análisis. La intención es abrir las puertas a análisis más amplios en relación con la democracia que no contemplen la visión "en blanco y negro" de las mayorías en relación con la política actual.

Palabras-clave: contracultura, *punk*, trayectorias, músico, ideología.

Em 28 de março de 2017, a revista portuguesa *online* Blitz, a qual se dedica apenas à música, publicou uma pequena notícia acerca do apoio total e incondicional do *frontman* dos PIL⁶⁷ (Public Image Ltd.), John Lydon, ao presidente norte-americano Donald Trump. A 4 de novembro de 2020, a Blitz e as suas congéneres mundiais informaram também sobre o “incidente” televisivo entre Lydon *aka* Rotten (ex-vocalista dos Sex Pistols⁶⁸) e a jornalista Suzzana Reid, em entrevista ao vivo no programa matinal *Good Morning Britain*. Já não bastava a pandemia do COVID-19 com milhares de infetados e milhares de mortes, o Brexit, os escândalos financeiros por toda a Europa, as mudanças climáticas que estão a destruir o planeta, o número crescente de desempregados e mal-empregados, os ataques de islâmicos radicais em várias cidades, as corridas ao armamento e demais vicissitudes a nível global, e logo tinha de vir aquele presumível anarquista berrar com a entrevistadora num “Deixe-me acabar!” e debitar a sua verborreia de apoiante Trumpista... Desta forma, foi com estupefação, e mesmo choque, que fãs do projeto musical PIL, *punks* reformados e *aficionados* da música mais alternativa em geral, receberam a notícia. Nas redes sociais levantou-se um *tsunami* de protestos e invetivas contra o “traidor” à causa *punk* — “no more heroes, anymore⁶⁹” —, ao mesmo tempo que apoiantes de Donald Trump ficaram nos píncaros com a manifestação altissonante e pública de Lydon.

Como fã dos Sex Pistols, na minha adolescência, e fã dos primeiros trabalhos dos PIL, confesso que fiquei um pouco consternada com a notícia, mas não surpreendida. O tempo de duração dos Sex Pistols, banda engendrada por Malcom McLaren e Vivienne Westwood a fim de ganharem visibilidade, umas quantas libras e *épater les bourgeois*, foi de cerca de três anos.⁷⁰ Após a desastrosa digressão norte-americana dos Sex Pistols em 1978, que culminou com a morte de Sid Vicious e com o desentendimento entre Johnny Rotten, vocalista e “líricista” do grupo e o *manager* dos Sex Pistols, Malcom McLaren, Rotten decidiu voltar ao seu nome de batismo, Lydon, e formar os PIL. Segui com entusiasmo idealista os primeiros trabalhos: “First Issue”, “Metal Box” e “The Flowers of Romance”, entre 1978 e 1981. A partir de 1982 (até agora) comecei a perder interesse pelos trabalhos musicais dos PIL, pois já pressentia que o fulgor da presença física e anímica de Johnny Rotten *aka* John Lydon estava a desvanecer e passei para outros projetos novos na altura como Birthday Party⁷¹ ou Einstürzende Neubauten⁷², entre muitos outros. E ainda bem que foi assim pois em 1996, John Lydon e os antigos comparsas dos

⁶⁷ Trata-se de uma banda britânica pós-punk, formada pelo cantor John Lydon, sendo este o seu único membro constante. John Lydon é um ex-membro da banda Sex Pistols.

⁶⁸ São uma banda inglesa de punk-rock formada no ano de 1975. São tidos como os responsáveis pelo início do movimento punk no Reino Unido. Apesar de só terem estado ativos, enquanto banda, durante cerca de três anos, até à atualidade são considerados como uma das maiores e mais influentes bandas da história da *popular music*.

⁶⁹ Título do tema da banda inglesa The Stranglers, 1977.

⁷⁰ Quem não conhecer a contracultura *punk* (britânica e norte-americana), os seus principais intervenientes como a banda inglesa Sex Pistols, Malcom McLaren, Vivienne Westwood, o despoletar de um verdadeiro movimento juvenil de origem proletária e urbana, entre 1975 e 1978, que levou ao surgimento de centenas de bandas britânicas como X-Ray Spex, Buzzcocks, Slits, entre muitas outras, e que deu relevo à participação feminina, pode consultar algumas referências na breve bibliografia deste texto, assim como consultar inúmeras notícias e factos dessa época através dos meios digitais.

⁷¹ Foram uma banda pós-punk australiana, formada em 1977. Apesar de terem sido uma banda influente, viram o seu término em 1983 e, atualmente, Nick Cave, que era vocalista e guitarrista da banda, possui uma carreira a solo. O seu primeiro álbum intitulado “Door Door” foi lançado enquanto a banda ainda se intitulava Boys Next Door.

⁷² São uma banda alemã de música experimental que surgiu em 1980 em Berlim. O seu nome significa algo como “Prédios Caíndo”. São considerados como uma das primeiras bandas do género musical industrial na Alemanha.

Sex Pistols, Glen Mattlock, Steve Jones e Paul Cook, reuniram-se e ressuscitaram a “infame” banda Sex Pistols, algo que achei “foleiro” e oportunista.

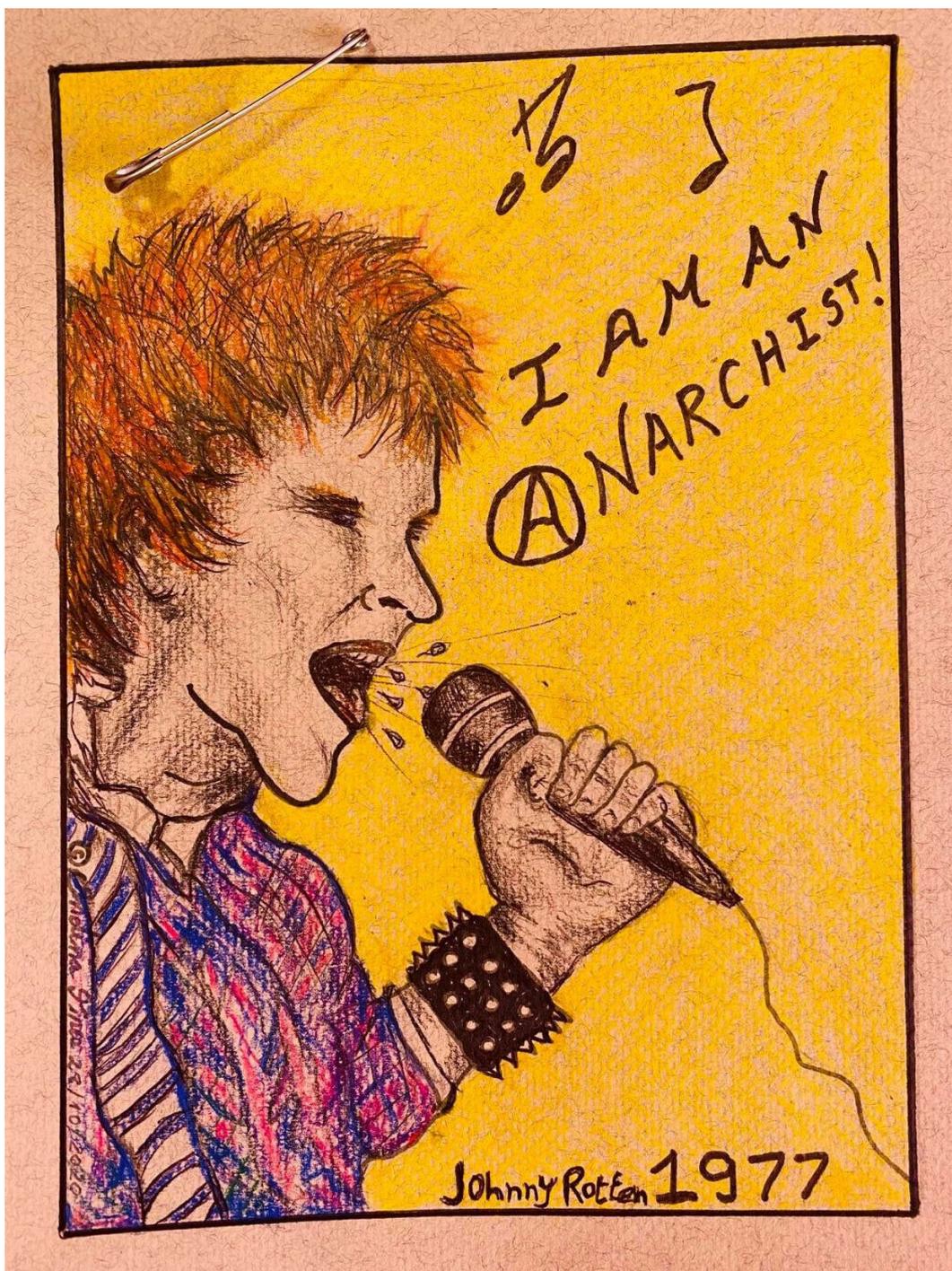


Figura 1: Johnny Rotten 1977 by Ondina Pires em 8 de novembro de 2020
Fonte: Ondina Pires.

Lydon e os colegas designaram esse revivalismo de serôdio, que andou em *tourné* por solo europeu, de *Filthy Lucre Tour*. Pelo menos, os músicos revelaram uma honestidade descarada (Guerra & Bennett, 2015). Estavam de novo na estrada para obterem uns

dinheiros, no estilo “com a verdade me enganas” ou “o grande barrete do *rock’n’roll*”⁷³. E porque não, pois se em 1978, nas costas de Rotten, McLaren juntou alguns membros dos Sex Pistols e publicou o trabalho “The Great Rock’n’Roll Swindle” o qual desvirtuou a contracultura *punk* enquanto revolução juvenil que se fez através da música, vestuário, livros, fanzines, *slogans*, artes plásticas e cinema alternativo, tornando-a numa paródia de si mesma?! Ou não seria essa contracultura uma mentira inicial que floresceu no meio dos deserdados da sociedade anglo-saxónica e que se propagou pelo mundo?! Ou terá sido esta contracultura fruto de uma perspectiva romântica e épica por parte de adolescentes idealistas que viam em Johnny Rotten um arauto da revolução total?! Todas estas questões são válidas e retóricas. Em 1977, nem eu nem outros jovens, provenientes de famílias modestas e urbanas que aderiram ao *punk*, tínhamos a distância crítica suficiente e referências históricas e culturais para perceber a “marosca-demagógica” e niilista propagada pela boca de dentes pútridos de Rotten, quando cuspiu sardonicamente,

Agora ha, ha, ha, ha, ha
Sou um anti-Cristo
Sou um anarquista
Não sei o que quero
Mas sei como o conseguir
Quero destruir o transeunte.

Surpreendentemente, até Ian Curtis e amigos ficaram convencidos com a mensagem de destruição-constructiva veiculada pelos Sex Pistols aquando do concerto em Manchester, em junho de 1976. Aqueles fedelhos-músicos, plenos de raiva e energia, que (felizmente!) tocavam mal, a par das letras escritas por Rotten (Garrigós *et al.*, 2019), convenceram e inspiraram muita gente, mesmo pessoas ligadas ao mundo intelectual como o escritor Greil Marcus o qual presta a sua homenagem a Johnny Rotten/Lydon enquanto cruza factos da história escondida das vanguardas artísticas de início de século XX, as ditaduras do comunismo, fascismo e nazismo, e demais fragmentos históricos pós-modernistas, no seu livro *Marcas de baton: uma história secreta do século vinte*: “A imagem de Johnny Rotten é a do ferro atraído pelo íman” (Marcus, 1999: 23) ou “O niilismo significa fechar o mundo em redor do seu impulso de autodefinimento (...) Quando o niilista puxa o gatilho, abre o gás, pega fogo ou atinge uma veia, o mundo acaba. A negação é sempre política” (Marcus, 1999: 14-15).

Voltando ao ponto de partida deste texto, não me sinto chocada com as palavras de John Lydon sobre Donald Trump porque ele é coerente no meio das suas incoerências, Lydon é um eterno miúdo malcriado e rúfia que gosta de provocar, mesmo que isso o conduza a uma caricatura de si mesmo. E atualmente ele é uma caricatura da sua caricatura, da sua caricatura *ad nauseum*, através dos seus esgares faciais e cuspidelas do palco para o público (os mesmos de 1977), da sua presença física exuberantemente disforme e da sua petulância sarcástica dogmática. Porém, aos jovens pode-se desculpar a petulância e a exuberância pois estão na idade certa para isso, mas aos mais velhos não. Torna-se patético. Talvez seja aqui que está o cerne da questão. Se em 1977, Lydon enquanto “Joãozinho Podre” se autoproclamava um antiCristo e um anarquista numa atitude de desafio ao *establishment* inglês (não esquecer que a sua família era irlandesa e católica), agora em 2020 ele é um “João Lydon” materialmente bem na vida, reacionário e fascistóide, quer ele queira, quer não, ao contrário de centenas de outros *punks* que ou

⁷³ “The Great Rock’n Roll Swindle”, nome do segundo LP dos Sex Pistols que tem a presença de Tudor-Pole, da banda Tenpole Tudor, como vocalista.

já falecerem com alguma dignidade mas pobres (Stiv Bators, Alan Vega, etc.) ou que vivem quase no limiar da pobreza (Richard Hell, por exemplo). O mais curioso é que John Lydon é autêntico ao assumir uma infância e adolescência pobre no seio de uma família da classe trabalhadora, e até faz disso um bastião pessoal, é autêntico em detestar as hipocrisias da classe política ocidental, é autêntico em pensar que ele é que tem razão em tudo e é autêntico na forma como apresenta tudo isto em público. O que ele disse publicamente no *Good Morning Britain* sustenta sua honestidade: “Aparecendo ao vivo de sua casa em Los Angeles, ele disse ao programa da ITV: “Sou inglês da classe trabalhadora, e faz todo o sentido para mim votar numa pessoa que fala realmente sobre o meu tipo de gente”. Ele acrescentou: “Trump não é um político. Ele nunca afirmou sê-lo. Como isso é fora do vulgar, o quão é maravilhoso para pessoas como eu?! Estamos fartos das vossas ideias intelectuais de esquerda. Não vos podemos mais aguentar. Vocês só dizem disparates. Tudo o que vocês fazem, vocês não percebem nada da população em geral”. (NME, 2020: s/p).

Em 1977, Rotten / Lydon foi revolucionário na forma como manifestou publicamente a sua raiva através da expressão artística, raiva essa que era a mesma de grande parte dos jovens britânicos que não viam futuro à vista. Em 2020, Lydon / Rotten não é revolucionário, é apenas polémico, porque a sua mensagem é a mesma de um *establishment* doentio encarnado por indivíduos que estão à frente da governação dos seus países, mas que negligenciam o bem-estar dos seus governados através da desinformação como se tem verificado nas questões da COVID-19, nas questões climáticas e na não-aceitação da “diferença”, o que faz do músico um reacionário-conservador.

Esquecemo-nos, quase sempre, que os extremos se tocam. A história ensina-nos que os revolucionários ou perecem no campo de batalha ou tornam-se corruptos assim que têm o poder nas mãos (Goldman, 2010; Ibáñez, 2014). A título de exemplo, os primeiros fascistas italianos eram revolucionários e muitos deles provinham da classe trabalhadora — proletariado urbano e pequena burguesia — e inclusive, muitos fascistas estavam unidos a anarquistas contra a Alemanha e o império Austro-Húngaro. Muitos dos seguidores fascistas de um dos teóricos do fascismo que foi Gabriele D’Annunzio não seguiram Benito Mussolini e por tal muitos foram assassinados pelos “camaradas” oportunistas e reacionários. Este fato histórico é pouco conhecido pela maioria das pessoas.⁷⁴ No filme de Pasolini “Salò ou os 120 dias de Sodoma”⁷⁵ as personagens que detêm o poder de vida e morte sobre os jovens prisioneiros discutem cinicamente, durante as suas pausas quando não estão a violar e a torturar, o ponto de união entre o anarquismo e o fascismo.

⁷⁴ O mesmo fenómeno ocorreu na ex-URSS na era estalinista. Muitos idealistas pró-democracia, que ajudaram os bolcheviques de Lenine e Trotsky na Revolução Russa, foram eliminados nas grandes purgas estalinistas.

⁷⁵ Um filme italiano controverso de 1975, dirigido por Pier Pasolini, cujo roteiro é baseado no livro “120 Dias de Sodoma”. Trata-se de uma crítica à ditadura imposta por Mussolini. Devido aos episódios de sadismo, a obra é encarada como uma das mais perturbadoras da história do cinema.



Figura 2: John Lydon 2020 by Ondina Pires em 8 de novembro de 2020
Fonte: Ondina Pires.

Aquele lugar comum que de maneira simplista associa o proletário à esquerda e o burguês ou aristocrata à direita não passa disso mesmo — um lugar comum. Wilhelm Reich, discípulo de Sigmund Freud, teorizou no seu livro *The mass psychology of fascism* a tipologia do fascista comum: um indivíduo proveniente de meio social modesto, quase sempre um ser frustrado e alienado, instrumentalizado pelos que de fato detêm poder, como é presentemente o caso de Trump ou de Bolsonaro (entre outros) e no passado foi o de Mussolini ou Hitler (Estaline, também), e que acredita num líder presumivelmente carismático que conduzirá os povos à igualdade de oportunidades e à salvação nacional:

“O fascismo promete a abolição de classes, ou seja, a abolição do estatuto de proletário, e desta forma joga com a inferioridade social sentida pelo trabalhador braçal” (Reich, 1970: 1970).

Isto é o que parte da minha geração não sabia em 1977 porque éramos demasiado jovens, ingénuos e ígnaros. Desejávamos a mudança, o fim do *rock stars establishment*, o fim do aborrecimento quotidiano numa altura em que se falava em *Generation Gap* (o hiato temporal entre gerações). E que *gap! Mind the gap!* O romper dos laços com a família, a autoridade e o capitalismo saíu das letras dos repertórios dos Sex Pistols, dos X-Ray Spex, dos Clash, dos Dead Kennedys, entre outros grupos. Por um lado, a ação de questionar os mais velhos em todos os assuntos tornou-se prática comum na contracultura *punk*, tal como fora na contracultura *hippie*. Por outro lado, temas como “No Future” e “Bodies” (Sex Pistols) ou “Kill the Poor” e “Holiday in Cambodia” (Dead Kennedys) conduziram muitos jovens à descrença total da vida e da sociedade.

O ritmo da música *punk*, as letras com conteúdos altamente inflamáveis, a filosofia DIY⁷⁶, a anti-moda, a inspiração nos movimentos vanguardistas e revolucionários do passado como o DADA, o Expressionismo, o Futurismo italiano ou a Internacional Situacionista, e o desejo de destruir o *mainstream* social e político tradicional foram inspiradores e libertários e deixaram marcas no *pós-punk*. Contudo, o *punk* enquanto contracultura está datado. As grandes marcas internacionais do mundo da moda banalizaram o visual *punk* transformando-o numa comodidade mercantil. Além disso, a realidade do final dos anos de 1970 no Reino Unido, em Portugal e em outros países não é a mesma do tempo presente. Aqueles miúdos de 1977 nada têm de comum com os adolescentes atuais, em termos materiais, políticos e tecnológicos. Mas o germe niilista — “germ free adolescent”⁷⁷ — inerente ao período da adolescência será sempre um clássico a não ser que o ADN das futuras gerações seja manipulado em laboratório.

John Lydon sabe isto tudo. Não o substímemos, nem substímemos os discursos demagógicos e perigosos de políticos como Donald Trump. Mais do que discursos são *práxis* de incitamento subliminar à violência e ao racismo, são discursos gritados para incutir medo e / ou admiração alienada. Já vimos que todos os sistemas políticos falharam e que o ódio, guerras, crueldade e genocídios estão na ordem do dia por todo o mundo. Tudo falhou, até mesmo a democracia, um sistema político tão politicamente correto que permite brechas de destabilização, alienação e corrupção na sociedade. A democracia permite que cada um se expresse livremente e, deste modo, Lydon tem toda a legitimidade democrática para apoiar Trump que foi eleito pela maioria dos norte-americanos através do voto democrático, em 8 de novembro de 2016, e é através dos democráticos *media* que os discursos propagandistas são despejados, twitados, repetidos, etc e tal. “Bedtime for Democracy.”⁷⁸

Post scriptum - 02 de dezembro de 2020: Como o Democrata Joe Biden ganhou as eleições americanas para a presidência, agora podemos dizer “Newtime for Democracy”.

⁷⁶ Do-it-yourself.

⁷⁷ Título de um tema da banda X-Ray Spex.

⁷⁸ O último trabalho em estúdio da banda norte-americana Dead Kennedys de 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Garrigós, Cristina, Triana, Nuria, & Guerra, Paula (2019). *God Save the Queens. Pioneras del punk*. Barcelona: 66 RPM EDICIONS.
- Goldman, Emma (2010). *La palabra como arma*. Buenos Aires: Libros de Anarres.
- Guerra, Paula & Bennett, Andy (2015). Never Mind the Pistols? The legacy and authenticity of the Sex Pistols in Portugal. *Popular Music and Society*, 38:4, 500-521, DOI: 10.1080/03007766.2015.1041748
- Ibáñez, Tomás (2014). *Anarquismo es movimiento - Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo*. Barcelona: Virus Editorial.
- Marcus, Greil (1999). *Marcas de baton: uma história secreta do século vinte*. Lisboa: Frenesi.
- NME (New Musical Express) (2020). John Lydon doubles down on Trump support in bizarre interview. Disponível em: <https://www.nme.com/news/music/john-lydon-doubles-down-on-trump-support-in-bizarre-interview-he-is-the-only-hope-2808781> 2020_Acedida em 10 de dezembro de 2020.
- Reich, Wilhem (1970). *The mass psychology of fascism*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

DISCOGRAFIA E FILMOGRAFIA

- Dead Kennedys (1980). *Holiday in Cambodia*. In *Fresh Fruit fort Rotting Vegetables* [LP]. USA: Cherry Red.
- Dead Kennedys (1980). *Kill the Poor*. In *Fresh Fruit fort Rotting Vegetables* [LP]. USA: Cherry Red.
- Dead Kennedys (1986). *Bedtime for Democracy* [LP]. USA: Alternative Tentacles.
- Pasolini, Pier Paolo (1975). *Salò ou os 120 dias de Sodoma* (filme) [DVD]. Itália/França. Produzioni Europee Associate & Les Productions Artistes Associés.
- Public Image Ltd. (1978). *First Issue* [LP]. Reino Unido: Virgin Records.
- Public Image Ltd. (1979). *Metal Box* [LP]. Reino Unido: Virgin Records.
- Public Image Ltd. (1981). *The Flowers of Romance* [LP]. Reino Unido: Virgin Records.
- Sex Pistols (1977). *Bodies*. In *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols* [LP]. Reino Unido: Virgin Records, A&M.
- Sex Pistols (1977). *No future*. In *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols* [LP]. Reino Unido: Virgin Records, A&M.
- Sex Pistols (1979). *The Great Rock'n'Roll Swindle* [LP]. Reino Unido: Virgin Records.

Ondina Pires. Meste em Línguas e Letraturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É uma artista de performance, escritora, tradutora, música e umas das pioneiras do *punk rock* português. O percurso na música de Ondina está ligado a nomes como *Pop Dell'Arte*, *Ezra Pound & A Loucura* ou *Great Lesbian Show*. Ondina foi biografada em 2015 na exposição *Under-Ventures by Ondina* que teve lugar entre 13 a 17 de julho desse ano no Palacete dos Viscondes de Balsemão no Porto e é um dos nomes referidos em "God Save the Queens: Pioneras del Punk" um livro de tributo às mulheres do punk do final dos anos 70, nascidas na Península Ibérica da autoria de Cristina Garrigós, Nuria Triana e Paula Guerra. E-mail: ondinap@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9552-7814.

Receção: 10/10/2020

Aprovação: 01/12/2020

Citação:

Pires, Ondina (2020). Ensaio sobre o campo artístico contemporâneo. Johnny Rotten vs John Lydon = KO. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 3(3), pp. 120-128. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav3n3p2